

# **Etnografia do mundo urbano de Belém (PA): Considerações sobre as transformações nas paisagens do distrito de Icoaraci a partir da memória coletiva dos seus antigos moradores<sup>1</sup>**

Flávio Leonel Abreu da Silveira<sup>2</sup>  
Pedro Paulo de Miranda A. Soares<sup>3</sup>

## **Resumo**

O artigo em questão busca compreender as relações entre memória coletiva e imaginário, considerando as suas intersecções com os processos de transformação das paisagens no Distrito de Icoaraci, na cidade de Belém (PA). Para tanto, recorreu-se ao diálogo com velhos narradores que vivem naquela localidade, de maneira a estabelecer, a partir de suas narrativas, relações entre as suas trajetórias de vida e os itinerários urbanos vivenciados ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** memória, imaginário, paisagem, mundo urbano.

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta da pesquisa etnográfica realizada no ano de 2006, no distrito belenense de Icoaraci, e se insere no projeto “Paisagens culturais, memória coletiva e trajetórias sociais. Estudo antropológico das fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém – PA”, coordenado pelo Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira, tendo como bolsista o estudante do curso de Ciências Sociais, Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares. O projeto tem financiamento do PARD – Projeto Auxílio Recém-Doutor –, oferecido pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da UFPA.

<sup>3</sup> Estudante do 5º semestre de Ciências Sociais da UFPA.

## **Abstract**

The present article searches for the comprehension of the links between the collective memory and the imaginary, attentive to the processes of scenery's transformations in the District of Icoaraci, Belém (PA). Keeping that in mind, we have listened to the words of the ancient narrators who live there in order to establish the relations between their life history and the urban itineraries experienced using the narratives told by them.

**Key words:** memory, imaginary, landscape, urban world.

## **Introdução**

A proposta deste artigo é a de colocar em evidência as relações entre a memória dos antigos moradores do distrito belenense de Icoaraci e suas vinculações com as mudanças ocorridas na paisagem urbana local, de forma a compreendermos alguns aspectos relativos às complexidades da dimensão fantástica da memória no contexto amazônico.

Portanto, busca-se aliar a experiência etnográfica – relacionada ao convívio com as pessoas – à relevância das entrevistas realizadas de forma livre com os antigos moradores no espaço urbano do distrito de Icoaraci. Neste sentido, o fluxo da memória dos narradores (Benjamin 1996) a partir do “trabalho” de rememorar (Bosi 1994), possibilita que os mesmos lembrem fatos acerca do seu lugar de pertencimento, como a conformação das paisagens de outrora onde os festejos populares, procissões e “paradas”<sup>4</sup> eram eventos marcantes na vida cultural do distrito de Icoaraci.

O ato de lembrar os tempos vividos pelos narradores que moram naquele contexto, auxilia a compreendermos aspectos relativos ao processo de urbanização e re-ordenamento de seus espaços de convívio na Amazônia, revelando certas singularidades da experiência cultural no mundo urbano belenense.

---

<sup>4</sup> Entende-se por “paradas” os desfiles de caráter cívico-patriótico.

## Os narradores e as paisagens urbanas de Icoaraci

De acordo com Tavares (1999:208-9) as origens de Icoaraci remontam ao ano de 1762, período no qual “a fazenda Pinheiros, denominação original da Vila de Icoaraci, foi comprada pelo senhor Antonio Gomes do Amaral, que antes de falecer a doou ao Convento de Nossa Senhora do Monte Carmo, e em 13 de julho de 1824, esta passou para a Ordem dos Frades Carmelitas Calçados, que já possuía a Fazenda ‘Livramento’, de onde retiravam argila para a olaria”. Mais tarde, “as duas fazendas foram unidas, expandindo a área territorial, que passou a ser delimitada do Igarapé do Paracuri às margens do furo do Maguari, mais especificamente à área denominada atualmente ‘pontão do Cruzeiro’”.

O distrito de Icoaraci representa um dos adensamentos populacionais mais importantes do município de Belém, distando cerca de 18 km do centro da metrópole. A fisionomia das paisagens regionais tem influência direta da baía do Guajará, constituindo-se assim, em um conjunto de lugares vividos que mesclam o urbano e o rural, uma associação entre o espaço construído e intensamente alterado pela ação humana com o passar dos anos e resquícios de florestas, igarapés, furos e ilhas relacionadas às paisagens fluviais amazônicas.

Nas localidades que compõem aquele meio percebe-se a convivência complexa entre uma Modernidade oriunda da experiência civilizacional vinculada à Belle Époque amazônica (Daou 2000, Sarges 2002), com seus desdobramentos ao longo do tempo representados pelas inovações e facilidades oriundas da vida urbana (infra-estruturas; bancos e estabelecimentos comerciais; áreas de lazer; bares e restaurantes; presença de turistas; entre outros) e formas tradicionais de sociabilidade (festejos e folguedos; relações de vizinhança que animam a vida nos bairros; conversas de rua junto ao portão das moradias; bumba-boi; cordões de pássaros<sup>5</sup>); de expressões da religiosidade (círio; romarias; festas de santos) e de formas tradicionais de labuta consubstanciadas em certas profissões presentes no local (oleiro; sapateiro; barbeiro; marceneiro; alfaiate; arte-

---

<sup>5</sup> Retomaremos mais adiante o tema do Bumba-Boi e dos Cordões de Pássaro. Por enquanto iremos considerá-los como festas populares bastante comuns entre algumas comunidades amazônicas paraenses.

são; pescador; entre outros), revelando a dinâmica da vida urbana, dada no jogo existente entre permanência e mudança no corpo das paisagens de pertença.

As narrativas dos velhos contadores de histórias que circulam no contexto icoaraciense deixam claro, através de suas memórias, o processo de transformação dos lugares vividos por tais personagens, na medida em que as mesmas trazem à tona aspectos relativos às mudanças ocorridas nas paisagens de outrora ante a configuração de novos espaços urbanos na cidade de Belém.

Numa conversa com seu Jorge (70 anos), barbeiro desde os 19 anos de idade e ainda atuante no distrito, o idoso ao referir-se a Icoaraci de outrora, mencionou o seguinte: “Isso aqui tudo era mato aqui, né. Asfalto ninguém sabia nem o que era! Asfalto veio surgir já de uns anos pra cá mais ou menos, anos 40”. Segundo o senhor, a iluminação pública chegou ao distrito “no ano, mais ou menos, deveria ser nos anos 40; 50. Por aí, né... É, nos anos 50, já, que melhorou a luz!”

Noutro momento, ao ser indagado se Icoaraci havia mudado muito, seu Gildo, (69 anos), cunhado de seu Jorge, respondeu:

Foi, mudou muito, num tinha esse negócio de supermercado. Era só merceariuzinha aqui, acolá, viu? E...e era assim. E num tinha ilumina... e gastava mais era querosene pa colocar na lamparina, não tinha luz elétrica! Lá em casa não tinha luz elétrica, era lamparina... candeeiro, lamparina, era isso... É, na rua, quer dizer, que quando eu me entendi já tinha luz elétrica, já, os mais antigos de que eu, meus irmãos mais velhos, eles alcançaram, que tinha nos postes os lampião que era de... de óleo... é, óleo... e querosene, é... num sei... Era tipo uma lamparina grande, colocava nos postes pa iluminar, pra num ficar completamente escuro. Então era isso.

Seu Gildo afirmou ser a região de Icoaraci bastante florestada, uma vez que “tinha mato”, inclusive “tinha, tinha umas... umas paca, todos os animaizinho... É, cobra... tinha que ter cuidado cas cobra, era!” (risos). Além disso, de acordo com este senhor, “num tinha muita casa era pouca casa que tinha, as rua era de chão”. Na perspectiva de seu Gildo, o distrito de Icoaraci mostrava-se um lugar pacato no período de sua infância, pois “era mais simples, era mais, era casa de madeira... viu! Casa de inchimento, de inchimento, é, barro. Pessoa faz aqueles gradio assim e

tapa de barro, vai inchendo... coberto com palha, as veze era telha”.

Seu Jorge, por sua vez, comentou sobre as antigas moradias quando refletia sobre o seu nascimento em Icoaraci:

Segundo meus pais, nasci na travessa Santa Rosa entre sexta rua e sétima. Meu pai tinha uma casa lá e tinha outra aqui. Chamavam nessa época barraca, as casa tudo era barraca, barraca era assim, coberta de palha... quando era rapaz, assim... barraca. É, não, por aqui era muito, muito dessas casa... Só que a nossa não era, tinha umas que faziam com aquele barro, né! Barro, é, aí punha a palha em cima. A nossa era de madeira, era bem aqui no meio... Só uma, depois de tempo foi que ele morreu que nós dividimo, esse pedaço é meu o outro é da minha irmã... Quando a pessoa tinha casa de madeira coberta de telha: “É, esse cara deve ter engenheiro” (risos)... É, era ruim pra arrumar assim. Meu pai era telheiro, nossa casa era de, coberta de palha, depois foi negociando com o rapaz que fazia... isso melhorou muito, né, do meu tempo melhorou muito!

E, continuou:

É, era, aí na, onde é a academia Paulo Mendes, aí. Tinha uma senhora, eu não sei se ela era cearense, chamavam dona Chiquinha, antes de vir esse pessoal do Paulo Mendes ela plantava roça. E, mermo quando chegou, também parece que a mãe da Tereza aí, ainda plantava roça. O nosso terreno aqui era muito, tinha muito açazeiro... Era, muito açazeiro, muito açaí. Agora não, que ele ficou pequeno, mas o meu... Num sei se você já foi, no meu terreno tinha, plantei aí um bocado de árvore, aí uma por cima da outra, meio desorganizado, mas tem ainda as plantas, né. Era açazeiro. Quando chegava da olaria, assim, minha vó tinha oitenta e cinco anos, mas era forte! A mãe da minha mãe, aí:

- Vamo tomar açaí?

- Vamo!

- A senhora amassa, vó?

- Amasso!

Era amassado com a mão no alguidar de barro, é!

- Deixa que eu compro charque!

Não, não era charque, era jabá! Agora que chamam charque, né.

-Deixa que eu compro jabá!

De acordo com o idoso, algumas pessoas da comunidade mantinham roças para o sustento familiar, como fica claro em sua fala quando rememora períodos passados, pois em sua narrativa seu Jorge demonstra parte da dinâmica de ocupação do distrito, estando tal dinâmica relacionada à migração de nordestinos e, provavelmente de pessoas oriundas de outras localidades do Pará. Ao mesmo tempo, ele reflete sobre a própria composição do pomar existente no quintal de sua casa mediante a conformação de uma paisagem doméstica, onde as memórias de sua avó mesclam-se com hábitos alimentares do lugar.

Noutro momento, ao ser mencionada a balneabilidade na área do Pontão do Cruzeiro – espaço com forte apelo turístico no distrito –, tanto seu Gildo quanto seu Jorge manifestaram suas opiniões acerca da questão. Seu Gildo afirmou o seguinte: “Era vala grande pra escoar a água, num tinha essa contaminação como tem aí no Cruzeiro, ouviu! A, a pessoa tomava banho, bem que a água era limpa, tinha igarapé pr’ali, tudo isso... Agora, num tinha essa movimentação agora como tem, né... Era pouco!”

Quanto ao trabalho dos pescadores, seu Gildo oferece-nos uma imagem da fartura de peixes em Icoaraci, no período em que era jovem:

Tinha, tinha uns pescadores aqui: bolacheira, umas canoa grande pescavam aí pro alto mar, pra cima de Mosqueiro. Então, eles traziam, não tinha esse negócio de peixe de gelo. Só era peixe fresco, peixe da maré. Saíam de noite; de tarde; no outro dia eles apareciam. Era gurijuba, era filhote, era peixe, como é? ... Piraíba! Tinha peixe, sem mentira nenhuma, tinha quase 2 m de comprimento, grosso, vinha dois homem colocavam no varal levar pro mercado pra poder cortar, muito peixe! O pessoal, o salário era pouco, quem consumia mais era pobre, não era rico.

Seu Jorge refletiu sobre a balneabilidade na baía do Guajará da seguinte forma:

A praia não era poluída como é hoje. Não, não era! Aí, porque agora, muita gente, né... Era caminho pra lá, também era caminho. A gente passava, ia pela quarta rua e dobrava pra ali junto dumas

casa, ia bater na praia, a água era limpa. Agora é contaminado, cês devem ter visto no jornal aí que tá poluída. É todo tempo, só pela época de férias... Mas pessoas não tão nem aí. Eu, só que eu não tomo banho, né... Mas talvez se eu fosse mais jovem tomasse, os outros tomam, influência, né. Não sei se, se dão mal, eu nunca vi ninguém dizer que se deu mal aí no Cruzeiro.

O senhor afirmou em relação às pescarias que eram realizadas nos igarapés e na baía, sem deixar de fazer referência ao abastecimento de água para a população, que:

Igarapé do Tabocal, ente ia chegar, a gente chamava boca do igarapé ali, na... na Praia do Cruzeiro. Lá, ente não levava nem o pulsá. Ente levava, chamava bóia, amarrava ali um pedaço de tripa de galinha ou pedaço de peixe, bucho de peixe. Aí, arriava lá, assim. Aí, ele vinha, metia um paneiro, assim, e jogava dentro da lata, é! Vinha agarrado, vinha dois, três. Era só meter, assim. Rápido a gente pegava muito. Agora, num pega não (risos)... Num sei esse ano, que agora é nessa época que começa a dar siri... mês de setembro, por aí, assim... Agosto, setembro já começa a chegar siri, quando o verão faz assim... chama verão forte, né. Como tá agora, calor e tudo. Mas ainda tá chovendo... Água encanada num tinha, sabia nem o que era também! Era só poço, é... O único poço aqui nesse perímetro que não secava era da dona Jóia, ela já faleceu com noventa e quatro anos. Era! Meu pai se acordava cedo e ia encher a água. O outro já era pra deixar pro almoço. Agora, tão falando aqui no jornal que até poço tá contaminando, né, poço! É, vai avançando o negócio vão descobrindo as coisa... Eu já tomei muita água de poço, tomei banho, é uma água fria, né, poço!

As transformações ocorridas nas paisagens icoaracienses também são notadas por seu Jorge quando se refere à arborização urbana, pois conforme as suas observações em relação ao espaço citadino – a partir da experiência de viver no bairro do Cruzeiro –, mencionou:

Tinha, muita mangueira. Isso aí, ali na segunda rua, cê vai observar que ainda bas... Era um túnel de mangueira assim. Aqui na quinta rua, muitas mangueira derrubaram. Agora, essas plantas são novas, não sei nem daonde é isso... Ente... quando saía da festa, duas horas,

três horas da madrugada, que a festa só ia até nesses horários, aí, saía juntando manga da mangueira, ia juntar manga, juntava manga. Cê vê que tudo isso passou, né, dificilmente volta; não volta mais, têm outras coisa... Mas Icoaraci era isso aqui, era Pinheiro na época, que tinha Pinheiro, depois que passou pra Icoaraci. Aí, depois Icoaraci eu conheci Pinheiro, mas dizem que o primeiro nome foi Ponta do Mel, depois São João do Pinheiro, depois Pinheiro. Tem história sobre isso... variada assim, de uma pra outra<sup>6</sup>.

Seu Jorge parece ressentir-se quanto à perda de uma paisagem emblemática, quando reflete sobre as modificações sofridas no espaço urbano de Icoaraci. Ao afirmar que “essas plantas são novas, não sei daonde é isso”, demonstra que uma arborização diversa tende a destoar das mangueiras que caracterizavam as ruas do bairro em que sempre morou. Percebe-se assim, a tensão entre as imagens da Belém atual com aquela do passado, posto que as paisagens citadinas onde as mangueiras – um símbolo nacionalmente reconhecido da urbanidade belenense – são, paulatinamente, substituídas por um novo cenário paisagístico, imprimindo outra estética ao mundo urbano.

Neste sentido, o que parece emergir a partir de sua narrativa é o fato de que uma memória do lugar – evidenciada pelas lembranças de uma paisagem de outrora –, desvela uma perspectiva nostálgica ligada a uma determinada “época”. Ao considerar “que tudo isso passou, né, dificilmente volta”, o idoso, resignado diante o desaparecimento de um panorama cênico, conclui: “não volta mais”. O dilema diante do presente está colocado pelo fato de que, agora, “têm outras coisas” animando a vida do bairro as quais diferem em relação àquelas de sua juventude, distantes de um passado que existe como lembranças de sua vivência no lugar.

Seu Manoel (68 anos), irmão de seu Jorge, através de uma longa

---

<sup>6</sup> A “Fazenda Pinheiro” transformou-se em um “Povoado” denominado “Santa Izabel, passando sua área a ser demarcada para definição de lotes e logradouros, e em seguida serem aforados. Foi, entretanto, em 188 que “o povoado ganhou um novo nome: São João Batista, sendo construída a capela do mesmo nome. E em 1895, foi transformado em vila, e só então voltou a ser chamado de Pinheiro”. A partir de 1938, “foram definidos os limites interdistritais de Pinheiro (...) Em 30 de dezembro de 1943 (...) foi fixada a divisão administrativa e judiciária do Estado, pela qual a então Vila de Pinheiro passou a ser chamada Icoaraci” (Figueiredo & Tavares 2005:28-30).



narrativa, referiu-se ao traçado urbano do distrito de Icoaraci<sup>7</sup>, descrevendo-o a partir de sua memória viva do bairro com uma precisão impressionante de detalhes, considerando sempre as transformações sofridas na ocupação do mesmo desde a sua juventude. Segundo o senhor:

Olha, quando eu era mais jovem, mesmo. Jovem mesmo! (...) Agora, imagine, isso aqui tudo mato aqui, né! Tudo mato, num tinha esses negócio que tem, era tudo mermo da natureza né, vinha aqui. Agora vinha a 2ª rua terminava aqui, aí vinha a 3ª rua é aquela que tem lá. 3ª rua ela começava daqui, essa aqui é a Soledade, esse aqui é a outra travessa que era a Andradas... Andradas, Andradas ali. Da Andradas pra Soledade não passava, era uma baixa, era um tijucal danado [área constituída por lama escurecida]!

Aí, começava aqui a 3ª rua. A 3ª rua vinha, vinha, vinha, vinha, vinha, vinha, quando chegava aqui... Era a Soledade, Andrade, Berredos... Berredos, Souza Franco... Souza Franco... botar mais pra cá assim a ponte, né... Itaboráí, São Roque, Cristóvam Colombo... Cristóvam Colombo. Cristóvam Colombo e essa aqui, a Pimenta Bueno. Tinha uma ponte mais pra cá, mas essa eu num alcancei, quando eu alcancei já era aqui na Cristóvam Colombo, né (...). Então, aqui que ficava a ponte. Mas tempos atrás, já teve uma mais pra cá, sabe, quando eu era beem garotinho, mas eu tenho uma vaga lembrança só.

Bem, então vinha daqui, aqui era... 2ª rua, 3ª rua, bem aqui, outra baixada [área alagadiça sujeita a oscilações das águas, seja através da influência das marés ou das chuvas], num se passava pra cá, daqui pra cá não se passava, era igarapé! Era um bocado de negócio. Olha... 3ª rua como era, né... Aí, vinha a quarta rua, a 4ª rua ficava por aqui, por aqui assim também olha... isso aqui tudo uma baixada. Aí, ia, chegava a 4ª rua chegava até na, na Andradas também, isso aqui é outra baixada, não se passava pra cá pra, pra Soledade... vinha emboora! Lembro benzinho como era aqui Icoaraci, benzinho... Isso aqui na 4ª rua, né... Na 5ª rua, onde vocês vão sempre lá, né, na

---

<sup>7</sup> De acordo com Figueiredo e Tavares (2005:30), o distrito de Icoaraci apresenta “o mesmo modelo dos núcleos coloniais da Região Bragantina”, pois está “composta de quarteirões regulares, ruas e travessas largas repletas de mangueiras (...) Surgem suas primeiras ruas, a partir da execução da lei provincial nº. 598, de 8 de outubro de 1869”.

casa dos meus irmão lá.

Na 5ª rua era assim: também a mesma coisa, isso aqui era baixada. Aqui era a Travessa do Cruzeiro que a gente não passava pra cá, não passava, muito alagado... Tinha um igarapé, esse igarapé ia cortando assim... Aí, vinha a 5ª rua, ela começava daqui mais ou meno, e essa 5ª rua ia, ia, ia, chegava na... na Andradas. Isso aqui chegava na Andradas, isso aqui tudo já era! Eu nunca imaginei que ia morar gente ali... Aí, tá... Isso aqui é a praia do Outeiro, também não passava aqui, passava o Cruzeiro. Aí, 5ª rua, essa rua que nós tamo ela vinha aqui também... Essa começava, vou já lhe dizer, na metade do quarteirão dali, por exemplo. Nós tamo na, nós tamo aqui na... Soledade, Andrade, Andrade, Berredos, Souza Franco, isso aqui ainda tava por aqui assim, olha... Aí, tinha a Souza Franco, tá! E a Itaboraí. Pra cá, isso aqui era tudo, isso aqui não passava... Sabia que era porque era caminho essa rua, dizia que era rua, mas era caminho. Tinha uma igreja lá em cima, por aqui, assim, tá... 7ª rua, não, 6ª rua eu ainda não disse a 6ª, né? (Não!)... Aqui, quer ver olha, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e a 6ª rua. A 6ª rua mesma coisa, chegava aqui na Andradas não passava mais nada!

Aí, vinha, aí, chegava bem aqui, também não tinha mais nada. Aqui num... aqui... Era um bolo, sabe, era uma coisa interessante, olha! Agora, aqui era o Cruzeiro, olha! Travessa do Cruzeiro, eu digo que é travessa, mas num é, travessa toda mal, coisa, toda mal conservada aí, 6ª rua, 7ª rua. Essa que nós tamo, ela vinha... começava daqui, da... aqui nós tamo na... Soledade, Andrada, essa aqui é a... Souza Franco... (...) Ela, ela, num varava porque isso aqui tudo era uma... Viu como é? Isso aqui tudo era baixada, baixada num habitava ninguém!

Aonde nós tamos aqui, ninguém passava... era assim. Olhava de lá, sabe aqueles negócio que eles chamam, como é... aquela coisa geográfica... Quênia (Cânion), quênia, era, era mais ou menos isso. É quênia, que fica um paredão assim e a baixada, é! Tu olhava de lá da Big Ben [rede de farmácias distribuída pela região Norte e Nordeste do país] pra cá, só via o paredão aqui. A gente olhava daqui pra lá, o paredão, esse buraco aí... Aaaah, mas tinha muita água aí! Aí, era água, aí era farto, o pessoal pescavam! Aí tinha de tudo, era igarapeção, aí. Entrava motor, entrava de tudo... Aterrou tudo, mermão! Pois é, isso é que é o negócio, alguma, por isso que

dá essas enchente, aí... Viu, então era mais ou meno isso aqui, olha. Aqui era um quênia, e daqui o outro, sabe.

Então, Icoaraci era desse tamanho, era isso aqui só. Aqui, aonde a gente mora, naquele quarteirão onde a gente mora... 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, né. Isso, isso aqui eu disse que era a Cristóvam Colombo, né? Então, aqui não tinha nada. Depooois, diz-que fizeram uma taberna, aqui morava uma velhinha numa casa, bem aqui, assim.

Seu Manoel, através do exercício de sua memória pessoal, considerando o caráter elástico e flexível da mesma, percorre os fios e meandros do tempo reencontrando o espaço vivido de outrora, onde as ruas de sua infância e adolescência emergem em sua narrativa e evocam imagens de uma urbanidade outra, na medida em que o senhor reconstitui um mapa mental de Icoaraci na virada da primeira para a segunda metade do século XX, estabelecendo assim uma comparação com a Icoaraci contemporânea.

Nesta Icoaraci do século XX a paisagem estava constituída por elementos de uma geografia ainda diferenciada, posto que em grande parte já desaparecida de seus espaços de convivência social. Igarapés, “cânions”, baixadas, matas e tijucais davam uma dinâmica diferenciada ao viver, à urbanidade local. Nem todos os lugares eram saneados e, muito menos, transitáveis. Portanto, deslocar-se pelas ruas do distrito implicava em reconhecer um mapa mental onde tais ambientes refletiam, por um lado, as formas de ocupação da espacialidade do lugar e, por outro, as representações acerca dos elementos naturais em relação à expansão e conformação da zona urbana, a partir das trajetórias de seus moradores.

As habitações, neste sentido, estavam dispostas de maneira a que as pessoas que viviam nos bairros e quarteirões constituintes do distrito, mantivessem um contato relativamente estreito, posto que a densidade populacional mais baixa daquele período – quinze mil habitantes, segundo seu Jorge – permitia às pessoas reconhecerem pela posição das casas ao longo da rua, os seus moradores. Com isto, não queremos dizer que tais formas de sociação, e mesmo de sociabilidade (Simmel 1983) que emergem naquele meio, tenham desaparecido por completo. Pelo contrário, elas ainda estão presentes no contexto cultural icoaraciense de maneira mais ou menos intensa.

Quanto à presença dos “casarões” no distrito de Icoaraci – um

reflexo da riqueza do ciclo da borracha na Belle Époque paraense –, verifica-se que tais construções permanecem ocupando um lugar ambíguo no cenário urbano. Se considerarmos uma perspectiva patrimonialista, colocada sob a forma de bens protegidos pelo Estado, temos algumas construções restauradas e conservadas. Por outro lado, algumas edificações restam como ruínas de um tempo de riqueza e fartura oriundas da economia gomífera, quando tais palacetes e mansões eram os signos da ostentação das classes abastadas locais no que tange à própria concepção de moradia burguesa – “tinha gente que tinha fazenda no Marajó, essas coisas” (Seu Gildo) –, ou mesmo de lazer e refrigério vividos naquela área da cidade de Belém.

Os antigos moradores de Icoaraci apontam em suas narrativas para tal problemática ligada à conservação e destruição das edificações, como deixa claro seu Gildo:

Olha, esse (...) nesse, esse Coronel Sarmiento, grupo ali do colégio. Ele era um prédio de dois pavimento, bonito, assoalho de acapu, tudo... Era um prédio importante. Destruíram ele pa fazer tipo uma vacariazinha, senhor sabe como é, aquelas esc... [Puseram?] lá tudo baixo, lá que era o Coronel Sarmiento, era escola. Então era um prédio grande ali, aaaali na frente também, próximo já ao Coronel Sarmiento tinha uma casa e já foi destruída. Tinha outra também que destruíram, parece, semana passada também, grande, e tem ali perto ali de onde era o posto policial dali, também tinha uma casa bonita lá, cum currupio lá que virava tudo... Ainda tem, mas tá, completamente, quase destruído tudo! Falta uma recuperação grande mesmo. Então, essas casa aqui em Icoaraci mais ou meno umas 5 ou 6 no máximo 7 casa que tinha grande aqui (Tu nem falou do Tavares Cardoso! – Dona Maria, sugere ao marido.) Sim, Pois é, aaah! Tavares Cardoso, adonde é a biblioteca, também. É, mais ou menos umas 7 ou 8 casas que tinha grande aqui. O resto só era barraca!

Seu Gildo, a partir de sua narrativa evidencia o fato de que a destruição dos antigos casarões de Icoaraci vem ocorrendo – “outra também que destruíram, parece semana passada também, grande” –, sem maiores conseqüências. Seu Jorge afirmou sobre a questão o seguinte:

É, ainda tem muitos ali pelo Cruzeiro, né, pela Praia do Cruzeiro. Ali na Praia do Cruzeiro a gente fazia os time, ia jogar bola ali na praia, tomar banho de praia! Ainda tem aqueles casarões. Aqui na São Roque tinha um que era Romeu e Julieta, esse aí foi demolido. Tinha o chalé São João, um antigo ali... Ele, ele, ele reformou tudo sabe, porque tava [?]... É, sobraram, uma parte foi demolida, né. Você ainda vê ali pelo Cruzeiro, na segunda ali, pra banda do Cruzeiro, ainda vê. Ali na praia, em frente à praia, ali ainda tem... Pra banda do Pontão, ali ainda tem casarão desses. Também já reformaram, né, mudaram aqueles aspectos que não era do início, já modificaram algumas coisas.

Durante uma conversa com seu Jorge, ele corroboraria a fala de seu Gildo, apontando ainda, para o fato de que alguns casarões foram derrubados ou modificados ao longo dos anos em Icoaraci. As suas considerações encontram ressonância nos argumentos de seu irmão, Manoel, o qual também se reporta às modificações da paisagem urbana icoaraciense. Portanto, seu Manoel refere-se às moradias antigas:

Ah, tinha, mas muitos já sumiram! É como eu lhe falei, esse daqui sumiu. Um lá da São Roque, num tem aquela Igreja Quadrangular? Ali tinha um casarão: Jorge sabe desse, o Gildo, a Maria. Era o Romeu e Julieta o nome do, desse casarão. Esse tinha lá, era um casarão enorme. Tinha lá na São Roque, aonde é a Igreja Quadrangular, bem do lado de onde é a Igreja Quadrangular. É bem do lado esse casarão. Agora, a gente ia aqui, deixa eu ver, deixa eu ver pelas ruas primeiro, né... Na 1ª rua tinha ali o... eu ia deixar roupa prum senhor que ele era... químico lá no Guará: era um alemão, ele. Era o seu Sig que a gente ia deixar roupa lá, eu e o Jorge levava no carrinho de mão que, aquela senhora que morava lá do lado, ela faleceu dois anos atrás, lavava roupa e a gente ia levar, um mês era pra mim, um mês era pro meu irmão, sabe, esse que é barbeiro. E a gente ia levar roupa, aí tinha aquele casarão que é uma biblioteca: São Roque, Avertaninho [referindo-se à Biblioteca Municipal Avertano Rocha], aquilo aí era o Tavares Cardoso, mas aquilo era muito bonito!”

É por isso que eu digo, tem coisas que revolta... aquilo era pra ser conservado ali Manoel, aquela rua, casarão? É, o casarão! Na esquina da Souza Franco”. (Dona Raimunda, esposa de seu Manoel)

É, esse tem, mas tá caindo aos pedaços lá também, esse tá caindo, é o Coronel Porfirio, ele tá caindo.

Dizem que é assombrado... (Pedro)

É, porque aquilo ali a minha mãe contava que o cara, ele era dono de negócio de escravo... Então, diiiz-que, o pessoal dizia que morria muito escravo ali sabe, muitas pessoas. Aquilo ali é velho também, da época da minha mãe! Por aí você tira, né.

Agora, imagina como num era Icoaraci na, era, eu já peguei já com minha mãe, já contava esses fatos, né... Enfim, né, no Tavares Cardoso tinha uma ponte bonita, sabe. Égua! Uma ponte assim, parece quando a gente vê nos conto de fadas, sabe! Aquela ponte bacana: a água tinha a comporta, aí represava a água, sabe. Aí, tinha naquele lago, sabe, tinha um lago que era uma maravilha... mas aquilo era uma maravilha! Aquilo, hoje em dia eu passo lá, biblioteca, um matagal do caramba! O maior, maior, o pessoal num preserva, mas né, rapa! Num sei o que passa na cabeça dessa... (...) E sim, eu via aquilo, rapaz, era muito lindo aquele casarão, era muito lindo mesmo, sabe...

A gente ia e ficava olhando ali, sabe. Que a gente era pequeno, mas a gente admirava aquilo, era uma coisa assim nova pra gente né, devia ter uns 9 pra 10 ano né. A gente, muito bonito a ponte. Aí, um dia desses, num sei que foi que falou: “Mas, tinha ponte ali?” Eu digo: “Tinha, rapaz!” Agora, não sei, os corrimão sabe, era um lago, sabe, represava, tinha um lago ali, era da família Tavares Cardoso. E esses casarão que o pessoal faziam, geralmente, já agora aí na frente, a aí nesses casarões que tinha na frente que eu num sei de quem era o dono né, mas em cada frente de cada uma casa eles faziam uma, um banheiro sabe? Isso também num tem assim, tinha parece que lá no pontão um dia quando esses prefeito.... Edmilson colocou as fotografia lá, do passado de Icoaraci, do passado, inda vi uma lá que tinha, tinha, que fazia a ponte e, no fim da ponte fazia os banheiro uma escada n’era, o pessoal tomava banho lá! As famílias que vinham assim, dia de domingo pra tomar banho. Tinha o Retiro da Saudade, retiro da saudade já caiu também... Retiro da Saudade era no canto da 3ª rua com a, com a Cruzeiro... Também, era outro casarão também (...) Se num me falhe a memória, se num me falhe a memória não, que era lá, onde é aquela, a fábrica Nassau; cimento, depósito Nassau, cimento... Aquilo ali era o “bosque” que

chamavam um casarão enorme lá dentro também, num sei de quem era aquilo ali... tinha muitos casarões... Mas muitos já, já, acabou, mas é isso, olha, num vê a estação nossa ferroviária né, pô! Aquilo ali não passou uma idéia rapaz, um político assim preservar aquele restinho que ainda tem né, que aquilo ali marcou né, época também, né. Esse aí da, já viu já a estação de ferro daqui que é a COARTE [Cooperativa de Artesãos de Icoaraci] agora que fizerum. Até que fizesse também né, mas devia preservar, tá caindo aos pedaços lá tudinho. É uma estrutura toda metálica né, toda, é... Acho bacana aquilo ali, aquilo ali também era.

As reflexões de seu Manoel são importantes para compreendermos as dinâmicas da transformação das paisagens icoaracienses, não somente porque o idoso se refere ao processo de destruição dos seus antigos casarões, mas também de determinadas construções tais como as pontes que existiam no local – verdadeiras paisagens lendárias no cenário da cidade amazônica, como revelam as fabulações de sua narrativa remetendo ao imaginário dos “contos de fadas”.

Além disso, o senhor explicita, a partir da tessitura de sua narrativa, as articulações entre a sua experiência pessoal de viver o lugar, ao mesmo tempo em que recupera as imagens da Icoaraci de sua juventude. Isso é dado pela “função fantástica da memória” (Rocha & Eckert 2005) que aciona um esforço de lembrar e reencontrar os lugares que não existem mais, situando-os nas paisagens de outrora de acordo com um mapeamento mental que não se coaduna com o mapa atual do distrito.

Ele avalia as conseqüências que derivam das modificações do espaço urbano ante uma “temporalidade acidentada”, consubstanciada na voragem das formas edificadas visando a construção de outras que tendem a se afastar de uma paisagem, cuja aura e poética estão ligadas aos modos de ser amazônico. Daí a sua indignação e tristeza diante da ruína, bem como do desaparecimento das edificações que marcaram a dinâmica de ocupação do distrito, herança da “bela época” paraense e de um tempo mítico, porque vivido como esplendor do progresso no norte do país.

De acordo com Michel De Certeau (1996:192-3):

O imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram. Elas se impõem. Estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas têm caráter. Ou melhor, são “caracteres” no teatro

urbano. Personagens secretos [...] Por subtrair-se à lei do presente, esses objetos inanimados adquirem autonomia. São atores, heróis de legenda. Organizam em torno de si o romance da cidade. A proa aguda de uma casa de esquina, um teto provido de janelas como uma catedral gótica, a elegância de um poço na sombra de um pátio remelento: esses personagens levam sua vida própria. Assumem o papel misterioso que as sociedades tradicionais atribuíam à velhice, que vem de regiões que ultrapassam o saber. Eles são testemunhas de uma história [...] Esses objetos selvagens, provenientes de passados indecifráveis, são para nós o equivalente do que eram alguns deuses da Antiguidade, os “espíritos” do lugar [...] Seu retiro faz falar – gera relatos – e permite agir – “autoriza”, por sua ambigüidade, espaços de operações.

## **Narrativas sobre festas, Círio e paradas**

As narrativas sobre festas religiosas e profanas são recorrentes entre os contadores de histórias no contexto de Icoaraci. Há, desta forma, uma longa tradição na Antropologia realizada na Amazônia acerca das expressões de sociabilidade e das manifestações festivas mítico-religiosas que, por certo, passa pelos estudos clássicos de Eduardo Galvão (1976) e Charles Wagley (1988), seguindo com os trabalhos de Figueiredo e Vergulino (1972), Alves (1980) e Maués (1995; 1999). Mais recentemente, para o contexto de Icoaraci, Figueiredo e Tavares (2006) refletiram acerca das festividades presentes no distrito.

Neste sentido, o presente artigo procura trazer à tona algumas reflexões que visam contribuir para o debate. A partir de tal perspectiva, as narrativas coletadas ao longo do trabalho de campo no bairro do Cruzeiro auxiliam na compreensão de aspectos relativos às práticas de sociabilidade e expressões de religiosidade entre os moradores do local, indicando certa continuidade nos estudos realizados pelos pesquisadores citados ao mesmo tempo em que apontam para outras questões relativas aos temas que nos propomos discutir.

As práticas culturais presentes em Icoaraci, entre elas as festas e folguedos populares, as paradas<sup>8</sup> de cunho patriótico ligadas ao dia da inde-

---

<sup>8</sup> Sobre o tema das paradas enquanto rituais ver DaMatta (1997).



pendência do Brasil – com os desfiles embalados pelas bandas escolares –, bem como as atividades relacionadas à experiência de fé e, portanto, vinculadas às expressões religiosas católicas apontam para uma complexidade de eventos que definem um calendário de festejos e procissões bastante heterogêneo na sociedade icoaraciense.

Sobre as festas populares ligadas aos dias relativos a determinados santos, seu Jorge lembrou de como eram realizadas antigamente. De acordo com o senhor:

E aqui tinha festa das Carcundinha<sup>9</sup>, chamavam Carcundinha, quando o certo seria Corcundinha, né não? É...faziam leilões, faziam mastro, com bandeira do santo lá em cima... Nossa Senhora da Boa Viagem e tinha São Benedito. Nossa Senhora da Boa Viagem era uma festa que era de adultos; dia de São Benedito era das crianças, era um mastro também, né, São Benedito! Aí, ficavam fazendo... eram umas quinze noites de ladainha que chamavam folia, fulia, folia, cantoria de religião, né... Aquelas cantiga antiga, são cantos que, em relação assim, àquele santo, né. Eu não sei mais, não me lembro mais disso daí. Eu só sei que no final da festa quem era mordomo, o mordomo era um, tipo assim, um sócio que você tirava: “Você quer ser mordomo da festa?” “Quero!” Aí, lhe dava uma carta com a programação da festa e você pagava aquela importância. Quando era no final, você era um dos convidado pra almoçar com... tudo de graça (risos). Aí, tinha a festa dançante, não era só coisa assim de cantoria, de ladainha não. Tinha a festa dançante também e não tinha, nessa época... não existia esses aparelhos que tem agora, era só música mermo ao vivo. Me lembro bem dos que tocavo era, assim, o Zé Bombada, é...Bombada, tinha o Pomperão, é...o Ferdinando, tudo isso já faleceram que formavam aquele já... É, chamavam jaze [jazz] né...Jaze...que era escrito, era J-A-Z, jaze, é...chamavam jaze e era escrito na bateria, é na bateria era o J, A e o Z... Tocava, aí... Aí tocava, ia até de manhã!

E reunia muita gente? (Flávio)

Reunia, vinha gente inté de Belém! Vinham do alerta, excursão... (...)  
Não sei nem onde é que tá a imagem daquela santa, a imagem assim

---

<sup>9</sup> Trata-se de um local denominada Carcundinha onde morava Dona Corcundinha a organizadora da festa.

mais ou menos uns trinta, quarenta centímetros. Então, mas faz parte do antigo, né! Era mais aqui, pareciam barracas, barracas, era tipo assim um arraial pequeno, aí, com iguarias né, com aqueles negocinhos que as pessoas compravam. Era um negócio mermo...fora de série. Contando agora o pessoal fica até assim duvidando se aconteceu mermo, né... Mas eu tenho setenta anos...esperei chegar, cheguei. Tamo, aí, né? Bora ver como a gente vai!

O idoso, ao reportar-se ao passado narrando a dinâmica social de uma festa religiosa, deixa transparecer aspectos importantes dos congraçamentos no contexto amazônico. Lembra-se do “mordomo”, figura também presente nas festividades descritas na etnografia de Galvão (1955) para a cidade de Itá. O mordomo, no caso do autor citado, era um homem que, por devoção ou condições financeiras favoráveis, aceitava a responsabilidade de “patrocinar” a festa. Nota-se também, através da narrativa de seu Jorge, a dificuldade da separação entre o componente sagrado e o profano da festa, uma vez que seu Jorge primeiro pronuncia o nome do lugar onde ela ocorria - “E aqui tinha festa das Carcundinha, chamavam Carcundinha, quando o certo seria corcundinha, né não?” -, para somente depois referir-se ao respectivo santo e sua festa: “É... faziam leilões, faziam mastro, com bandeira do santo lá em cima... Nossa Senhora da Boa Viagem e tinha São Benedito.”

De fato, presente na descrição etnográfica de Galvão (1955), e mais detalhadamente analisado em Maués (1995), o controle eclesiástico procura fazer-se presente nessas manifestações religiosas do povo ao procurar delimitar rigorosamente as fronteiras entre a festa religiosa e a profana. Ainda conforme Galvão (1955), cada vez mais, expõe o autor, o componente religioso do evento é realizado em Igrejas ou nas ruas em forma de procissão.

A “festa dançante” tenderia progressivamente a realizar-se com mais frequência em estabelecimentos particulares onde as pessoas pagam pela sua entrada. Em Icoaraci, observa-se a mesma tendência, pois em véspera do Círio de Nossa Senhora das Graças – enquanto estávamos presentes na barbearia realizando a pesquisa – notou-se uma rápida proliferação de carros-som, autos-falantes e cartazes anunciando as festas que ocorreriam no distrito durante o fim de semana.

Percebe-se, então, tanto no contexto da Ita, analisado por Eduardo Galvão quanto no de seu Jorge, o desaparecimento do “mordomo”, figura essencial para o acontecimento das antigas festas de santo. Ele indicava não só a presença de alguém que se dispunha a arcar com as despesas da festa, mas evidenciava uma outra dinâmica social capaz de possibilitar a um homem dispor de seus bens materiais em nome da devoção a um santo, aliado ao prestígio oriundo do reconhecimento da comunidade. Portanto, o desaparecimento do “mordomo” aponta para uma fundamental mudança na estrutura social no distrito de Icoaraci.

Em relação ao Círio de Nossa Senhora das Graças, seu Jorge afirmou:

Círio? O Círio surgiu por causa duma santa, Nossa Senhora das Graças que, dizem chorou num quadro, lá na... atrás do museu. Num me lembro o nome da rua ali, mas era atrás do museu, tinha a dona Genóvia, não sei se ainda é viva ...Era dona Genóvia, então, fazia milagres, as pessoas ficavam boas e aqui, eu me lembro que tinha um senhor que era dono de olaria, ele tinha uma enfermidade, isso aí contaram, né, o seu Luís Gonzaga, e ele fez promessa e essa igreja não tinha imagem de Nossa Senhora das Graças. Aí, ele fez uma promessa e parece que alcançou graça. E prometeu dar uma imagem pra igreja matriz, aí. Saiu, se eu não me engano, eu não vi, mas acho que saiu da casa dele procissão, de lá uma procissão. Como era muita gente, os profissionais colocaram uma corda, aí, já veio... Isso quando foi no outro ano, aí já fizeram o Círio. Era o padre... me lembro bem que eu fui... a corda... também meu irmão foi também. Só que eu não gostava muito de rezar missa, né, que a missa era em latim e eu quase num... coisava muito e ele não, ele sabia!

Seu Jorge afirma, ainda, que o Círio de Icoaraci nem sempre existiu, tendo substituído outras festas de bastante representatividade no distrito: “Quer dizer, que essa festa de Nossa Senhora das Graças, ela ficou no lugar de São Benedito e São Raimundo Nonato, e as pessoas antiga foram morrendo e acabou a festa.”

Em sua narrativa o idoso estabelece elos entre as festas religiosas e as paradas do dia da Independência, vinculando de alguma forma expressões de crença a símbolos do catolicismo popular e de identidade nacio-

nal dentro de uma lógica das tradições inventadas (Hobsbawm & Ranger 1984). É a isto que alude a passagem exposta a seguir:

Eram duas festas que tinha! São Benedito e São Raimundo. Era no mês de... setembro? Agosto, era agosto, era agosto pra setembro. Eu me lembro que às vezes o último dia da festa terminava no dia sete de setembro. Tinha as paradas escolares, né... Meu irmão falou sobre isso? Dia sete de setembro aqui era muito bonito, vinham bandas de colégios de Belém tocar. Eu... do... aquele... A farda do Coronel Sarmiento [escola de Icoaraci] na época era um macacão de cáqui, assim amarelo, sapato branco, mas, era, tinha um negócio pra limpar o sapato que era alvaiás, mas aquilo quando esquentava, saía aquela... sujava a perna da gente (risos)... Tudo isso eu me lembro, né... Desfilava na segunda rua ali, as escolas. Aí desfilava o matadouro, Cuará, Conceição, é... Só aquelas escolas primária aqui, né. Depois já... Até um tempo aí o Avertano [Biblioteca Municipal Avertano Rocha] ainda desfilava, acabaram com isso... Eu me lembro que houve uma época que até as olarias desfilavam, todas as olarias desfilavam.

Era bonito de se ver aqui. Mas como tudo tem começo e tem fim, né! Aí, vai acabando. Ainda tem, mas não é como era de primeiro. Desfilava o Pinheirense e Santa Rosa que eram os clubes, os dois clubes da época, era os de elite daqui, agora não sei nem como ta, o Pinheirense e Santa Rosa... O Pinheirense ainda tem a sede e o campo, o Santa Rosa vendeu tudo, num sei como é que tá. E... era bonito sim. Aí, vinha as bandas de Belém do Colégio... num sei se era o Colégio do Carmo, esses colégio grande de Belém vinham puxar, que o desfile escolar de Belém sempre foi dia cinco de setembro, né. E no dia sete era aqui, das escolas daqui. Aí, eles vinho de lá, as banda, só as banda, tocar, puxar, de tal colégio, tal colégio.

O senhor, ao lembrar-se dos episódios relacionados às festividades que ocorriam no distrito de Icoaraci, identifica certos hábitos e formas de praticar o lugar, remetendo a força simbólica dos rituais na elaboração e circulação de signos identitários e de pertença às paisagens locais, bem como a uma idéia de nação. As cores regionais, desse modo, impõe-se no momento do desfile da independência através da presença de elementos

de extrema relevância para a identidade local, na presença dos representantes das olarias, dos matadouros e dos curtumes. Desse modo, ocorre uma re-significação de caráter local em relação a uma comemoração que tenta celebrar a unidade nacional.

Noutro momento, durante o diálogo com seu Fernando, morador do bairro do Paracuri, o idoso rememorou a sua participação no Círio de Nossa Senhora das Graças em Icoaraci:

Na verdade faz tanto tempo que é da igreja, só que naquele tempo né, havia uma animação maior, o povo se empolgava mais, viu... Olha, hoje é o último dia da festa, vinha gente de todo, assim, os arredores do Outeiro, do Tenoné, tudo vinha pra cá entendeu? Aí, era uma procissão bonita, muita gente mesmo, entendeu? Aí, de noite entrava o arraial, né, com muita gente, e continua né... só que era no passado, o pessoal dizia assim.

Quando tinha ônibus, assim, pela rodovia e tinha também o trem... Resultado: o transporte do trem era muito bonito, você ver no dia do Círio o trem chegar, tem muito vagão, não tem? Três, quatro, cinco, seis até oito vagões que uma máquina puxa, todos os vagões. Pra você ver que vinha tanta gente que o trem vinha pindurado, vinha pindurado... vinha assim lotado, né! E isso no dia do Círio era obrigado a vim até duas máquinas: uma puxando na frente e outra empurrando atrás, devido a quantidade de vagões que o trem vinha no dia do Círio. Entendeu como é? Chegava a ter até duas linhas de trem no dia do Círio, duas viagens, né. Então, aí, depois que tiraram o trem... que foi aberta a rodovia Augusto Montenegro, o transporte se tornou bom, né. Então, essa parte se tornou...

Eu já não vou mais na corda, vou pro lado da berlinda: puxava a berlinda. Nós éramos também que colaborava na organização do Círio, na transladação, né... Agora eu vivo mais afastado, já, porque eu fico mais na outra igreja né... Mas, já vivi a história do passado mesmo, né, do Círio, Círio mesmo, é esta parte aqui como estou lhe falando.

Seu Fernando lamenta a falta de comoção do povo em relação às festas nos dias de hoje, tendo como contraponto o intenso movimento realizado no dia do Círio de Nossa Senhora das Graças. Sua narrativa aponta para a dificuldade de movimentação de Belém para Icoaraci,

decorrente da incipiente urbanização do espaço urbano belenense.

De fato, problemas relacionados à locomoção do distrito para o centro de Belém se fazem presentes nas vozes de alguns moradores do distrito, a exemplo de seu Manoel que, em narrativa de tom confessional, falou sobre as barreiras geográficas e dificuldades de transporte superadas por seus filhos. Afirmou, orgulhoso, serem todos formados na universidade, a despeito das tortuosas viagens de ônibus enfrentadas durante os anos de curso.

Seu Fernando em sua narrativa sobre o Círio de Icoaraci estabeleceu, através de suas recordações, vínculos com acontecimentos ocorridos na região central de Belém, os quais teriam sido de extrema importância para a criação do Círio de Nossa Senhora das Graças. O senhor, então, conta a história dos primórdios da festa religiosa em Icoaraci:

Aconteceu um fato em Belém de um quadro, de uma estampa de Nossa Senhora chorar em Belém, na Conselheiro Furtado entre 9 de janeiro e 3 de maio. E eu morei nesta casa onde a santa chorou, ainda era menino antes desta senhora que era, justamente, a dona da santa que chorou lá nesta casa. E isso lá, justamente em 1949, dia 3 de novembro de 1949, e daí pelo grande movimento que abalou todo o Estado e também chegou, posso dizer, pelo Brasil, né, da santa que chorou aqui em Belém.

Os navios que vinham do baixo Amazonas vinham lotados, todos pra ver a santa que estava chorando em Belém. Então, ela chorou por volta de 9 dias. Chegou muita gente, abalou muita gente, né, e muita gente mesmo pra conseguir até chegar próximo da estampa que estava acontecendo o milagre, né. Eram filas que se mediam mais de cem metros de comprimento, eram várias filas até chegar na porta da casa de uma senhora pobre, uma senhora humilde, né, aonde aconteceu.

E pelo este fato começou a surgir muitas romarias aqui em Icoaraci nesse período, o nosso pároco era uma pessoa assim também muito liberal, até porque era amigo, conhecido mesmo da senhora que era dona da santa, né. Então, começou a ter muitas romarias viu, todas as noites as famílias católicas aqui formavam aquela romarias das suas casa levando seus santos nos seus andores, tudo lá pra...assim nas ruas.

E aí, então, o padre Edmundo que era o pároco nessa altura né, convidou todas as famílias que estavam com as suas romarias nas ruas né. Era muito assim, emocionante de você aquelas romarias surgindo de tudo quanto era lado. E neste dia então o padre Edmundo marcou que houvesse um encontro de todas as romarias pra sair só uma procissão da igreja daqui da igreja matriz. E aí, então, vindo as procissões chegando, aquelas romarias pra se juntar em uma só procissão, né.

Mas só pelo fato de a imagem ter saído na berlinda, em Belém, correu a notícia de que Icoaraci tinha tido o Círio né, tinha havido o Círio, e a igreja, o pessoal daqui né não anunciaram, não comentaram, foi aquela onda. Aí quando foi no outro ano né, em 1952 a diretoria aqui da igreja né, já havia uma diretoria, porque antes do círio havia uma festividade que era de São Benedito e São Raimundo e esta diretoria já se juntava e começou já a movimentar pra Nossa Senhora das Graças né. Aí, então foram em Belém e falaram lá com o Dom Mário Vilas Boas que era o bispo, o arcebispo de Belém, né nessas alturas e ele disse que sim, que ele cedia, né. Mas não com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, porque era Nossa Senhora de Nazaré e Icoaraci era considerado um bairro de Belém praticamente né, e não podia ter o Círio de Nossa Senhora de Nazaré aqui por conta do já tinham escolhido né. Aí, disseram pra ele que já tinham feito a escolha da futura padroeira que é a padroeira hoje mesmo a Nossa Senhora das Graças. Então, aí, o arcebispo oficializou né, autorizou que podia já daí em diante já celebrar o Círio.

Já então em 1953 o prefeito atual o Doutor Lobo de Castro mandou fazer os carros já da prefeitura né, os carros pra colocar a berlinda em cima né porque no segundo ano, no ano anterior ela foi carregada no ombro né, no andor, aí o prefeito mandou fazer o carro pra colocar a imagem né, colocar assim como esta é hoje, aqui hoje não é mais a corda não é mais atrelada na berlinda, né, como nos primeiros anos em 1952 era tantos fogos, tá entendendo?

(...) Então, o Círio aqui até hoje né, é um Círio muito bonito como eu cabe de falar eu fui um dos guardiões da berlinda ora puxando o carro, deve ter algum foto meu puxando o carro da berlinda também, por que o meu trabalho era lá.

No trecho de entrevista abaixo, seu Fernando fala sobre a comunidade da qual hoje participa e da festa da padroeira da comunidade, Nossa Senhora do Livramento, deixando entrever mais uma vez a questão da transformação da paisagem em uma área em que a devoção religiosa ligase à saga de ocupação e urbanização do território. Sobre isso, o idoso afirmou:

Hoje eu estou aqui no Livramento né, fazendo parte do trabalho, da comunidade daqui onde eu sou um dos da coordenação e nos estamos se preparando também pra as festividades de Nossa Senhora do Livramento que este ano também completa sessenta anos que foi fundada a comunidade de Nossa Senhora do Livramento. Aqui era muito atrasado, as ruas não eram abertas como estão agora, a igreja depois que fizeram a capelinha dela mesmo era uma casinha de palha são um salão grande assim, chão batido daí foi que começou a devoção a Nossa Senhora do Livramento aí isto no período de 1947 46 e foi convidada a comunidade pra fazer a festividade. Mas aqui, isto tudo era mata tá entendendo, tudo era mata então pra chegar até aí onde foi fundada a festa tinha que ir pelo caminho por dentro da mata. E quando foi em 1950 foi dado o início da capelinha que esta aí que você esta vendo então agora, já com o pároco que nós temos agora... E no dia 17 de dezembro nós vamos dar inícios às festividades, e o termino será no dia 26 que é no mesmo dia da padroeira e graças a Deus nos estamos se organizando pra fazer uma festa bonita da comemoração de sessenta anos da padroeira aqui do bairro e aí tem aquele prazer de fazer não é!

Neste ponto, há uma intersecção entre as narrativas de seu Fernando e seu Manoel da Mata. O lugar onde o primeiro mora, o bairro do Paracuri, pode ser localizado no mapa mental já descrito pelo segundo senhor. Conforme seu Manoel: “Pra cá, isso aqui era tudo, isso aqui não passava... Sabia que era porque era caminho essa rua, dizia que era rua, mas era caminho. Tinha uma igreja lá em cima, por aqui, assim, tá (...) 7ª rua, não, 6ª rua eu ainda não disse a 6ª, né? (Não!)... Aqui, quer ver olha, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e a 6ª rua. A 6ª rua mesma coisa, chegava aqui na Andradas não passava mais nada!”. Infere-se logo que a igreja à qual se refere seu Manoel da Mata é a capelinha que aparece na narrativa de



seu Fernando. Este corrobora a fala de seu Manoel quando afirma: “Aqui era muito atrasado, as ruas não eram abertas como estão agora (...) Mas aqui, isto tudo era mata tá entendendo, tudo era mata então pra chegar até aí onde foi fundada a festa tinha que ir pelo caminho por dentro da mata”. O estranhamento de seu Manoel diante da dinâmica de ocupação no distrito parece evidente quando diz que “nunca imaginei que ia morar gente ali”.

## **Narrativas sobre Bumba-boi e Cordão de Bichos**

As reflexões que seguem acerca das festividades no contexto urbano de Icoaraci buscam compreender as formas de sociabilidade ainda presentes no distrito, ao mesmo tempo em que considera as mudanças ocorridas nas interações sociais de caráter festivo e ritual, onde um conjunto de imagens e expressões culturais ligadas ao cotidiano e ao caráter fabulatório e lendário das narrativas acerca da Amazônia parecem arrefecer diante de certas tensões inerentes ao mundo urbano na metrópole amazônica.

A presença de “Bois”<sup>10</sup> – daí, a expressão corrente entre os narradores de “brincar o boi” –, bem como dos “Pássaros” (Cordões de Pássaros ou de Bichos<sup>11</sup>) em Icoaraci aparece na fala de seu Jorge:

---

<sup>10</sup> Câmara Cascudo (2000:70) em seus estudos sobre o folclore brasileiro faz referência ao “Boi-Bumbá” que seria, de acordo com o autor “o Bumba-meu-boi do Pará e Amazonas, folguedo que se realiza em Belém e nos arredores, nas festas de São João. Consiste de um boi de pau e pano, conduzido por duas personagens – Pai Francisco e Mãe Catirina –, que são acompanhadas por dois ou três cavaleiros e uma orquestra composta de rabecas e cavaquinhos. É uma variante transparente do Bumba-meu-Boi do Nordeste, que se exhibe no ciclo das festas do Natal, enquanto o Boi-bumbá paraense aparece durante o São João”.

<sup>11</sup> De acordo com Câmara Cascudo (2000:489): “São assim denominados em Belém, Pará, os grupos que se apresentam nas festas de São João pequena representação de enredo mágico e sentimental, cenas cômicas e coreografia sem significação especial, mantendo o interesse público pela motivação”. Quanto ao Cordão de Bichos o autor afirma que o mesmo é “[d]ançado na época das festas juninas na Amazônia” (Cascudo 2000:157-8).

E a gente quando chegava mês de... mês de junho, brincava de boi, né! Não tinha esse negócio das espada?... Aí, tinha muito, eu me lembro: tinha o Tangará, tinha o Brilha à Noite, tinha o Rosa Branca que era, era boi também... Eles butavam esses bois aí, cantavam! Esse Verequete, que é do Carimbó<sup>12</sup>, era cantador de boi também quando ele era novo. Me lembro dele, já... num sei, já tá com quase noventa ano, se tiver né. Ele era cantador de boi... versava na hora! Agora, tinha, é, o que era ruim nessa época era os bois se encontrarem, aí saía briga. Ah, é, um cordão de boi ia daqui outro vinha de lá, aí um ia querer passar o outro não deixava. Aí, brigavo os brincantes (risos).

Seu Jorge qual a diferença de cordão de pássaro para cordão de boi? (Pedro)

É porque pássaro é pássaro, né! São diversas diferenças, diferenças, a... o... A história que conta, geralmente, o boi era... tinha a mãe Catirina, pai Francisco, Cazumbá<sup>13</sup> e, já no pássaro, já é o... é outras... outros personalidades... né! Já faziam outro... outro enredo, tinha um outro enredo... Isso aí que tinha muito.

O idoso, a partir de sua narrativa, evoca a imagem de personalidades hoje em dia ilustres da música regional, a exemplo do mestre Verequete.

---

<sup>12</sup> “Dança de roda, típica dos folguedos caboclos, encontrada na ilha de Marajó e arredores de Belém, no Pará, com acompanhamento de percussão (carimbo, pandeiros, reco-reco e, ocasionalmente, instrumentos de corda)” (Casculo 2000: 113-4).

<sup>13</sup> Câmara Casculo (2000:70) menciona acerca das personagens do boi-bumbá o seguinte: “O elenco inclui o *senhor da fazenda*, *dona Maria*, sua mulher; a *moça branca*, filha do casal; o *amo* (feitor da fazenda); *rapaz fiel* (vaqueiro); *dois vaqueiros*, *rapazes* (vaqueiros auxiliares); *Pai Francisco* (preto velho); *Mãe Catirina* (sua mulher); *Cazumbá*, preto velho e seu companheiro; *Mãe Guimã* (sua mulher); *diretor* dos índios, que é o chefe da maloca; *doutor curador* e seu ajudante; o padre e o sacristão; *menino que serve de rebole* (segura os chifres do boi, reboleando-se enquanto Pai Francisco amola a faca para fazer a repartição); o *tripa* do boi (homem debaixo da armação, movimentando-a); maloca dos indígenas e roda de brincantes. Pai Francisco mata o boi para satisfazer o *desejo* de Mãe Catirina e faz a divisão da carne e das vísceras. O fazendeiro manda prendê-lo pelos indígenas, previamente batizados por um falso sacerdote. O *doutor curador* ensina a Pai Francisco a técnica de espirrar em vários pontos do boi até despertá-lo”.

Também chama a atenção para a rivalidade entre os bois que se encontravam nas ruas, tema que será retomado mais adiante.

Seu Gildo, por sua vez, mencionou a existência do Cordão dos Pretinhos.

Ah, Cordão dos Pretinho era animado! Isso era um cordão; pessoal, mais homem, mas tinha mulher também no meio. Então eles se vestiam como palhaço: dançavam nas casa, era animado! Tinha o pessoal que acompanhava eles, os músicos, né: saxofone trompete, essas coisa toda pra animar, bumbo, pra poder eles dançarem!”

E o pessoal saía na rua brincando? (Flávio)

Era, saía! Era e ia as casa para se apresentar para poder pagar, pra poder ganhar o dinheirozinho deles. Então era isso e os boi não é aquele boi que sai aí ali na Praça da República, não tem aquele Arraial da Pavulagem! é idêntico! ... É... e a única vantagem que tinha naquele tempo pra agora é sobre esse negócio de assalto, né. A pessoa podia andar na rua que tava limpo num tinha, agora tá meio ruim, agora, tá!

Trazendo à tona essa outra forma de folguedo – o Cordão dos Pretinhos –, seu Gildo narra a experiência da animação e do festejo que, naquele período, estava associada à sobrevivência dos artistas. Ao mesmo tempo em que estabelece uma conexão entre velhas e novas formas de manifestação cultural de caráter regional, quando compara esses artistas ao grupo atual que atribui para si o status de mantenedor do patrimônio cultural “popular” paraense, ou seja, o Arraial do Pavulagem.

Observamos, ainda, na fala de seu Gildo, a constante preocupação dos moradores de Icoaraci em relação aos assaltos e atos de violência, ocorridos em diversas porções da área metropolitana de Belém. O senhor lembra-se de uma época em que determinadas formas de sociabilidade engendradas por estas festas e folguedos não eram prejudicadas pelo sentimento de insegurança e por uma “cultura do medo” que vem se desenvolvendo no distrito.

Outra narrativa a respeito dos diversos grupos de boi-bumbá no contexto icoaraciense aparece através de seu Manoel Ribeiro, morador do bairro do Furo. Segundo o senhor:

E aí, tinha a turma que gostava de Boi Bumbá, de coisa, como o Orlando, esse era sobrinho da tia Sinhá, de boi. Tinha aqui o Boi, o Boi Rosa Branca. Tinha juntamente com o pai do Zé Gaiola, seu Guedes, montava esse boi aqui. E aí tinha o Boi do Matadouro, que era do matadouro. Lá era o legítimo boi, porque trabalhava com boi. Aí, tinha o Boi do Matadouro. Lá pra Ponta Grossa, já, esses, esse pessoal da, da Vigia já botaram. Os pescador já montaram o Brilhanoite. Aí, chegou o Verequete, não sei daonde, veio aqui também lá da banda de Ourém, do Maranhão, já meteu o Pai da Malhada. Esse Verequete, ele agora tá sendo homenageado em seus 90 anos, num sei se cês tão acompanhando, esse homi. Ele chegou aqui foi uma revolução... Botou já o Pai da Malhada, sabe... Tinha um senhor aí, por nome, por nome seu Lôro. Bem aqui na 6ª rua, montou o Estrela Dalva. Então, no mês de junho aqui era uma animação total de boi! E quando se encontrava os boi, as veze pela rua, a porrada comia no centro. Um boi não gostava do outro, aí tinha aquele negócio de disputa no chifre e... Nisso também tinha os boi, era, fazia a animação daqui. Aí, tinha os pássaros também, dessa arte de folclore, veio pra cá: tinha o tucano, que era também daqui do furo... Nós temos também a beija-flor que era da Camila, era, era, era essa que era a diversão da gente, só era aquelas festa e num tinha mais nada! Só era mermo o jogo de bola, né, e e... e brincar de boi, brincar, a turma brincava nos boi, né. Era a diversão que tinha... era cantador de boi... era cantador de boi do Maranhão. Cantador de boi, depois, o Verequete lá da 5ª rua, cantador do Pai da Malhada, foi cantador do Brilhanoite... Aqui o Orlando, cantador do Rosa Branca.

Então, tinha aquele, era boi de, de... num era de, era boi de toada, num era boi de comédia. Porque depois com o tempo, foi transformando em comédia. Primeiro era boi de toada, né! Os boi vinhum aqui, cantavam uma toada, e quando descia com outro a porrada comia. Eu me lembro de uma história, que a gente vinha com o Rosa Branca e nós viemos atrás, né, aquela mulecada, era mutucada, a mutucada ia atrás. E a gente ia acompanhando nosso boi, né. A gente ia... Uma noite, quando chegou no canto da 5ª rua, já era um local que já era, já era brigado, porque o bairro do Furo (...) Uma festa que tinha lá. Dona Carcudinha fazia uma festa lá na 5ª rua, ali aonde é o Impala hoje. Ali, ali sempre foi lugar de festa, ali morava a dona Carcudinha e ela fazia uma festa ali. (...) ...Então,

então num se davum bem.

Quando foi nesse dia, nessa noite, o Rosa Branca vinha de lá pra cá, que pra á era frente. E pra cá num era “atrás”, era Furo. Né? “Tu vai lá na frente fulano?”, “Égua, tu vai lá na frente?”, porque também não podia passar pra lá, nem eles descerem pra cá (...) Isso só em 65, 66, pra cá que acabou isso. Aí se encontrou o Rosa Branca e Matadouro. E a Catirina naquele tempo era um barbeiro, que chamavo Cachaça. Ele era engraçado, era a Catirina do Boi. E aqui tinha o Nego Chico, o cantador era o Orlando (...) Muita briga. E esse Cachaça era barbeiro, ele conhecia né, ele conhecia o pessoal, que ele era barbeiro (...) E ele na hora da briga, né, ele e o seu Raimundo Pinheiro, que era cantador de boi... E escalou a navalha e VAAAP!!! – mas com a costa da navalha, aí:

- “Caiu meu bucho! Caiu meu bucho!” [seu Raimundo Ribeiro] (risos).

E num tinha nada de... (risos). Aí no escuro, né:

- “Quem foi? Quem foi? Quem deixa de ser?!”

Foi o Cachaça, foi saindo de leve... (risos) E o Pinheiro diz-que com a mão aqui [no estômago], mas que nada, não tinha nada. E foi a graça da briga foi essa do boi do Matadouro com o Rosa Branca, he, foi a graça da briga. No outro dia, depois que passou, depois que passou mês de junho, né, o Cachaça contava essa história pra gente, né. Aí, caçoava do seu Raimundo Pinheiro, caçoava:

- “Mas Pinheiro, mas por quê, mas caiu teu bucho! Quem operou e costurou aquilo na hora?”

Aquela bandalheira né, depois que ele já... Porque a briga foi só naquele dia, começou a brigar os bois... (...) E o Cachaça aprontou essa. Ele era muito engraçado esse rapaz. O Cachaça. Era uma graça que a gente tinha aqui... de contá piada, de fazer graça, de cortar o cabelo da gente.

A disputa e a rivalidade entre os bois expressava a existência de uma territorialidade bem definida pelos antigos moradores do distrito, havendo fronteiras simbólicas e identitárias ligadas ao pertencimento a determinado grupo que separavam os membros das comunidades: “porque também não podia passar pra lá, nem eles descerem pra cá”.

Portanto, a própria rivalidade torna-se uma lembrança comum aos dois grupos, pois possui sérias implicações na maneira de viver o local, influenciando na elaboração dos itinerários cotidianos dos antigos moradores. Além do mais, a própria separação geográfica dos dois grupos é fruto de um traçado urbano característico daquele momento, identificando trajetórias e projetos de vida que apontam para a heterogeneidade cultural presente no distrito (Velho 1994).

Segundo seu Manoel Ribeiro: “Tudo pra varar pra cá tinha que varar pelo burac... pelo coisa do velho Dico Pinto, pra varar pra cá porque era fechado”. Tal cisão parece ter sido resolvida através da ação do poder público na década de 60, diluindo as rivalidades e integrando os habitantes de Icoaraci por meio da criação de novas vias.

## **Considerações Finais**

O distrito de Icoaraci vem sofrendo transformações em suas paisagens ao longo do tempo, como atestam as narrativas de seus antigos moradores. Sendo assim, as suas memórias acerca das paisagens de outrora trazem à tona certas expressões da vida cotidiana que nelas se faziam presentes na segunda metade do século XX e que permanecem como recordações ligadas às suas trajetórias de vida.

Os narradores, portanto, compreendem as modificações ocorridas nas paisagens locais mediante o esforço de rememorar, realizado a partir da comparação das suas características atuais – sendo que tais lugares são percebidos como “espaços praticados” – em relação com as imagens dos mesmos, referidas a um passado vinculado à segunda metade do século XX e, em alguns casos, à primeira metade.

Os idosos avaliam, a partir de uma dimensão sensível as modificações sofridas nas paisagens de pertença, considerando certas rupturas com uma experiência civilizacional no norte do país. Tais constatações dizem respeito, por um lado, ao fato de que refletem sobre as alterações nas formas tradicionais de vida entre as camadas mais empobrecidas da população e, por outro, ao fim de um projeto modernizador como foi a belle époque no contexto belenense e seus desdobramentos para o distrito de Icoaraci.

As suas considerações apontam para o surgimento das ruínas dos

antigos casarões como um reflexo da destruição das paisagens de outrora. A partir daí, reconstituem aspectos importantes da memória coletiva dos seus antigos moradores, trazendo à tona dramas sociais e dilemas da vida em sociedade, uma vez que revelam certas tensões e esgotamentos de expressões de solidariedade no viver amazônico.

Os velhos habitantes de Icoaraci demonstram a partir de suas narrativas, que as festividades que ocorriam no distrito foram sendo modificadas ao longo do tempo, conforme os anseios da comunidade, inclusive ocorrendo o desaparecimento de algumas práticas tradicionais vinculadas às formas de sociabilidade outrora presentes no mundo urbano bele-nense.

Portanto, as memórias dos idosos demonstram que as transformações nas paisagens locais estão acompanhadas de modificações nas formas de viver e praticar os lugares de pertencimento, onde as tensões entre o tradicional e o moderno revelam a dinâmica de ocupação dos espaços ao longo do tempo no contexto amazônico.

## **Bibliografia**

- ALVES, Isidoro. 1980. *“O carnaval devoto”: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis: Vozes.
- BACHELARD, Gaston. 1988. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUDRILLARD, Jean. 1985. "Modernité." *Encyclopaedia Universalis*, 12:424-6. Paris.
- BENJAMIN, Walter. 1996. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov." In BENJAMIN, Walter (ed.): *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, pp. 197-221. São Paulo: Brasiliense.
- BOSI, Ecléa. 1994. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CASCUDO, Luís de Câmara. 2000. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global.

- DAMATTA, Roberto. 1997. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DAOU, Ana Maria. 2000. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DE CERTEAU, Michel. 1994. *A invenção do cotidiano, vol. I: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes.
- \_\_\_\_\_ *et al.* 1996. *A invenção do cotidiano, vol. II: morar, cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes.
- FIGUEIREDO, Arthur Napoleão & VERGOLINO, Anaíza. 1972. *Festas de santos e encantados*. Belém: Falangola.
- FIGUEIREDO, Sílvio L. & TAVARES, Auda P. 2006. *Mestres da cultura*. Belém: EDUFPA.
- FILHO, Evaristo de M. (org.). 1983. *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática.
- GALVÃO, Eduardo. 1976. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. 1984. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MAFFESOLI, Michel. 1994. "O poder dos espaços de representação." *Tempo Brasileiro*, 116:59-70.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. 1995. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Uma outra "invenção" da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: Cejup.
- OLIVEN, Ruben G. 1980. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- RICOEUR, Paul. 1994. *Tempo e narrativa*, vols. I a III. São Paulo: Papyrus.
- ROCHA, Ana. L. C. da & ECKERT, Cornelia. 2000. "Os jogos da memória." *Ilha*, 1(2):71-84.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Tempo e cidade*. Porto Alegre: UFRGS.
- SAHLINS, Marshall. 1990. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SANSOT, Pierre. 1983. *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck.
- SARGES, Maria de N. 2002. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu.



- SCHAMA, Simon. 1996. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SIMMEL, Georg. 1977. *Sociologia: Estudos sobre las formas de socialización*. Madrid: Revista de Occidente.
- \_\_\_\_\_. 1996. "A Filosofia da Paisagem." *Política & Trabalho*, 12: 15-24.
- TAVARES, Auda E. P. 1999. "Turismo sustentável e qualidade de vida dos produtores de cerâmica em Icoaraci." In FIGUEIREDO, Sílvio L. (ed.): *O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia*, pp. 205-24. Belém: UFPA/NAEA.
- TUAN, Yi-Fu. 1983. *Espaço & lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- VELHO, Gilberto. 1987. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1994. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- WAGLEY, Charles. 1988. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

Recebido em junho de 2007  
Aprovado para publicação em outubro de 2007

